

paulo laurindo

**tantos
de
mim**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

*sou o espectador o actor e o autor
sou a mulher o marido e o filho
e o primeiro amor e o derradeiro amor
e o furtivo transeunte e o amor confundido.*

de um e de dois, de todos

Paul Eluard

*sermões e lógicas jamais convencem
o peso da noite cala bem mais
fundo em minha alma.*

todas as verdades estão à espera em todas as coisas

Walt Whitman

*o tempo levanta o muro
a morte será o escuro?
em teu olhar me procuro.*

três coisas

Paulo Mendes Campos

Prelúdio

Apresentar um texto, e um texto poético, toca um pouco mais além do que dizer do autor, de suas palavras, das imagens que suscita, do sufoco, do nó na garganta, do grito que profere. De pronto, há termos mais comuns, ou mais usados, como prefácio, introdução. Há outros mais pesados, um tanto sóbrios, como prolegômenos. O fato é que nenhum desses arremessos daria conta de balbuciar sílabas aos poemas de Paulo Laurindo. Então, a escolha de prelúdio aludindo aos trovadores e menestrelis de tempos algures. Um tom que marcasse as palavras com o som das imagens de um Bergman de *gritos*, de *sussurros*. De sombras, de ausências de palavras que remetessem a um *kane Welles*. Um corte absurdo dos filmes de Gláuber seria sensato, já que em alguns poemas Paulo aponta-lhe referências. Mais ainda, e melhor seria, entornar copos em canções e caetanear por buarques tropicalistas. Tudo e mais um pouco estaria em força dos poemas de Laurindo.

poema aberto

o ponto de partida
é sempre o de chegada.
outro está em mim
como um espectro,
eu, esse estranho paradoxo.

a identidade é diferente
daquilo que consta nos documentos.
em cada um, um esboço, um ensaio,
um ponto de vista, uma versão
biográfica.

vivo aos saltos, eis o aspecto.
sem origem ou destino, beiro o desatino
na certeza de projeto improvável.

sendo responsável por algo
é sinal de que falhei em tudo o mais.
e antes que seja obrigado
a comer a carapuça que não uso,
deixo o poema em aberto
e esqueço o ponto final



a palavra certa

*“tenho senão palavras e a ânsia de dizê-las
são o que sou, aladas, habitadas de déjà-vu”.*

a palavra certa não afasta, não segrega
não tem repulsa de qualquer natureza.

a palavra certa mesmo errada evoca
solfeja, afaga, no verbo exulta, é busca.

a palavra certa condiz predicado e sujeito
congrega; corteja a vida com sinais, é arte.

a palavra certa engendra, mitiga, emula
é nobre, serena, gentil e austera.

a palavra certa, mesmo clichê, é exata, fiel
é mel, adubo, orvalho e sal
é canto, é porto, é pausa, é ponto
é graça, é beijo... sublime encontro.

a palavra certa, longe da dúvida, ama
é tal qual a um poema assemelha
é prelúdio, é salva, é brinde, é festa
é gozo eterno no infinito instante.

a casinha branca no alto da colina

para fazer poesia, confesso
devo estar bagunçado: *un animal dans la tête*
pressões batendo à porta, beira do caos
e os braços nus dessa pagã, minha outra.
minha vida é habitual demais
para ser lírica.
minha vida é ordinária demais
para ser poética.
turista nesse porto, penso a poesia
acanhado refúgio na colina em que me escondo.
a minha poesia, esse castelo de cartas,
não resiste ao peso da matéria.
insustentável, impermanente, instável,
contingente é a minha poesia.
não tem dia, não tem hora,
não tem lugar a minha poesia.
erma, despovoada, silenciosa e só
segue a minha poesia.

daí visitá-la vez ou outra
em momentos de necessidade:
instantes de pobreza extrema,
de carência, nulidade...
e sendo breve essa calma
repudio o que deve ser repudiado

e afirmo o que deve ser afirmado.
e após um beijo tènue, ela me despede
e eu, sóbrio, retorno ao mundo
desacostumado de tudo.



Este livro foi composto em Adobe Caslon
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2020.
